



Exercício de narcisismo acadêmico

Índices elevados de autopromoção de editores convidados comprometem a integridade de números especiais de revistas científicas, mostra estudo

Uma equipe de pesquisadores da França e do Reino Unido revelou um novo problema associado a números especiais de revistas científicas: a prevalência exagerada de artigos escritos por seus próprios editores convidados, pesquisadores sem vínculo formal com os periódicos que são recrutados para organizar edições suplementares que tratam de temas específicos. O levantamento, divulgado no repositório de *preprints* ArXiv e ainda não avaliado por outros especialistas, escrutinou 110.912 edições especiais publicadas por periódicos de cinco grandes editoras entre 2015 e 2025. Desse universo, 1.339 – 1% do total – tinham mais de 75% de *papers* com a assinatura de algum de seus editores convidados, uma “taxa de endogenia” considerada extrema. Em 2.976 edições temáticas, o volume de artigos usados para esse tipo de autopromoção oscilou de 50% a 75%; em outras 10.723, de 33% a 50%. Na avaliação dos autores do estudo, poderia ser tolerada uma taxa de até 33%. Eles consideram

aceitável que, para cada manuscrito com a visão dos responsáveis pelo número especial, haja ao menos outros dois com a perspectiva de outros especialistas. Nessa faixa de até 33% enquadraram-se 54 mil edições especiais da amostra. Por fim, em 42,6 mil edições temáticas não foi detectado nenhum trabalho escrito por editores convidados.

Os autores do levantamento – Paolo Crosetto, da Universidade Grenoble Alpes, na França, além de Mark Austin Hanson, da Universidade de Exeter, e Pablo Gómez Barreiro, do Jardim Botânico Real de Kew, ambos no Reino Unido – lembram que pesquisadores têm permissão para publicar artigos em revistas que editam, desde que não participem da avaliação do manuscrito e da decisão final de divulgá-lo. Os casos em que mais de 33% dos *papers* foram produzidos pelos próprios editores foram classificados no estudo com a sigla PISS, acrônimo para “publicar em apoio a si mesmo” (*publish in support of self*).

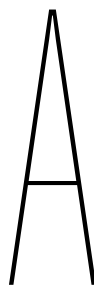
“Níveis muito altos de endogenia são um exercício de narcisismo acadêmico e, como tal, podem ser considerados má conduta”, escreveram os autores. Os exemplos mais notórios dessa prática apontados no estudo apareceram nas editoras MDPI e Frontiers. A MDPI, sozinha, reuniu 87% das edições com indícios de endogenia. A editora, fundada em 1996 na Suíça, hoje tem um portfólio com 504 periódicos em diferentes áreas e se tornou uma das quatro maiores do mundo ao adotar de forma ostensiva o modelo de negócio dos números temáticos. Uma de suas revistas, a *Energies*, publicou 2.915 edições especiais entre 2015 e 2025, sendo 639 com taxa de endogenia superior a 33% dos artigos. Já a *Materials* teve 489 edições especiais consideradas PISS, de um total de 2.539 divulgadas no período.

Um porta-voz da MDPI disse à revista *Times Higher Education* que os editores convidados estavam autorizados a publicar nos números especiais, mas “tais contribuições devem ser limitadas” e não exceder 25% do conteúdo total. Segundo a fonte, os periódicos da MDPI atualmente monitoram esse limite, mas respeitá-lo pode ser desafiador em números temáticos com uma quantidade pequena de artigos. Embora em escala menor do que a da MDPI, a editora Frontiers, que publica mais de 230 títulos, ostenta casos como o da revista *Frontiers in Built Environment*, que teve 31% de suas 118 edições especiais com níveis de endogenia superiores a um terço de seus estudos.

A multiplicação de números especiais de periódicos foi uma forma adotada por muitas editoras para gerar receita extra – a taxa de publicação de cada *paper* vai de € 2.000 a € 3.400 (R\$ 12 mil a R\$ 21 mil). “O aspecto mais valioso das edições especiais, quando elas são verdadeiramente especiais, é que podem oferecer um formato mais descontraído para artigos de opinião, textos em tom coloquial e oportunidades para convidar grandes nomes da área para fazer revisões da literatura”, disse Mark Hanson, um dos coautores

do estudo, à *Times Higher Education*. “É uma tragédia que as coletâneas editadas por convidados tenham sido sequestradas para fins lucrativos por certos grupos editoriais.”

O modelo já havia sido associado a outras formas de má conduta. Em 2023, 19 revistas da editora Hindawi e 2 da MDPI foram excluídas temporariamente do *Journal Citation Reports (JCR)*, plataforma que determina o fator de impacto de periódicos, devido a falhas ou manipulação no processo de avaliação por pares em edições especiais que levaram à publicação de trabalhos fraudulentos (ver Pesquisa FAPESP nº 327).



A solução para o problema é relativamente simples, na avaliação dos autores. Bastaria seguir diretrizes já existentes, como a do Diretório de Periódicos de Acesso Aberto (Doaj), que limita a 25% a proporção de artigos de pesquisa de edições especiais em que ao menos um dos autores seja editor, membro do conselho editorial ou revisor.

Órgãos de fomento à pesquisa podem ajudar, estabelecendo regras mais criteriosas para financiar a publicação de estudos. Em 2023, o Fundo Nacional de Ciência da Suíça (SNSF) deixou de pagar taxas de processamento de *papers* em números temáticos de periódicos.

Em resposta às preocupações com a integridade das edições especiais, o Comitê de Ética em Publicações (Cope), fórum sobre questões de integridade sediado no Reino Unido, publicou um documento de discussão sobre boas práticas para coletâneas editadas por convidados e organizou um fórum sobre o tema em 2023. Em meados do ano passado, complementou o material em uma publicação conjunta com a STM (Associação Internacional de Editores Científicos, Técnicos e Médicos). O objetivo geral é auxiliar as editoras no reconhecimento e na prevenção de atividades fraudulentas. As diretrizes sugerem, por exemplo, que as revistas devem considerar o potencial das edições especiais para comportamentos antiéticos, tais como a formação de cartéis de citações e fraude na revisão por pares. Também é importante avaliar minuciosamente o currículo dos editores convidados, verificando as suas qualificações e experiência.

Os autores do estudo do ArXiv destacam que o conjunto de dados levantados resultou de um esforço voluntário que enfrentou muitas dificuldades. Quando solicitações de informação não foram respondidas pelas editoras, eles extraíram dados da web ou realizaram uma curadoria manual trabalhosa. Por esse motivo, exortaram as editoras a disponibilizarem de modo transparente os metadados de suas edições especiais para ser possível avaliar com facilidade suas taxas de endogenia. “Periódicos que não fornecem esses dados protegem editores inescrupulosos de esforços de fiscalização e traem a confiança de editores convidados honestos”, escreveram. ● MÔNICA MANIR

Repositório só aceitará manuscritos de novos autores com o endosso de um pesquisador consagrado na área

Desde 21 de janeiro, o tradicional servidor de *preprints* arXiv impôs uma exigência extra para pesquisadores que submetem um manuscrito pela primeira vez ao repositório. Agora é necessário que o novato apresente o endosso de um autor de sua mesma área do conhecimento que já seja consagrado no arXiv. Até então, era possível publicar trabalhos no repositório sem esse tipo de carta de recomendação. Bastava ter um endereço de e-mail vinculado a uma instituição de pesquisa reconhecida.

Em entrevista à *Science*, Ralph Wijers, astrônomo da Universidade de Amsterdã,

nos Países Baixos, e presidente do conselho editorial do arXiv, afirmou que a medida visa refrear a avalanche de submissões de artigos de baixa qualidade gerados por inteligência artificial.

Há algo de pedagógico na proposta. “Queremos desencorajar pessoas muito jovens e sem experiência a enviar trabalhos de baixa qualidade para o arXiv”, disse à revista *Science*. De acordo com Wijers, estudantes e jovens pesquisadores recorrem ao repositório para divulgar trabalhos ainda não revisados por pares a fim de melhorar seu histórico de publicações e conseguir um emprego ou uma vaga em um programa de pós-graduação. Mas, segundo o astrônomo, alguns deles não se dão conta de que o arXiv dispõe de 300 voluntários especialistas que analisam previamente os textos submetidos e removem manuscritos com plágio ou propostas que fogem ao escopo da ciência.

Lançado em 1991, o repositório abrigava inicialmente *preprints* de física, mas se expandiu para a astronomia, matemá-

tica, ciências da computação, ciência não linear, biologia quantitativa, finanças quantitativas e, mais recentemente, estatística. Hoje hospeda quase 3 milhões de manuscritos e recebe em média 20 mil novos trabalhos por mês.

Wijers afirma que, antes do advento do ChatGPT, os moderadores rejeitavam, em média, 4% dos manuscritos apresentados. Em anos recentes, o número de submissões que ele classifica como “lixo de IA” cresceu exponencialmente, começando na área de ciência da computação e se expandindo para os outros campos. O índice de rejeição subiu para até 12% em 2025 desde que o chatbot desenvolvido pela OpenAI se consolidou. “E quase todo o conteúdo ruim gerado por IA vem de autores que submetem artigos pela primeira vez”, disse. Ele avalia que os programas de inteligência artificial generativa se tornarão cada vez mais eficientes, dificultando o trabalho dos moderadores de distinguir estudos legítimos e falsos. A exigência do endosso cria uma camada extra de segurança.

Matemático envia artigo absurdo gerado por IA para escancarar ação fraudulenta de revista predatória

Não é novidade um pesquisador submeter um artigo sem sentido a uma revista com práticas predatórias para provar, de forma risível, que ela não faz uma avaliação criteriosa dos manuscritos que recebe. Esse artifício foi usado novamente, agora por Pascual Diago, professor do Departamento de Ensino de Matemática da Universidade de Valência, na Espanha. Intitulado “Paradoxos obstétricos e equações didáticas: O impacto do ensino da matemática no parto e além”, o falso estudo relacionava desejos de grávidas a números primos e foi escrito por um programa de inteligência artificial. “In-

cluí gráficos que não explicavam nada e resultados totalmente implausíveis”, afirmou Diago ao site Retraction Watch. “Uma leitura superficial teria sido suficiente para perceber que ele não fazia o menor sentido.” Ainda assim, o artigo foi publicado pelo *Clinical Journal of Obstetrics and Gynecology*, da editora de acesso aberto Heighten Science Publications.

Diago assinou com um pseudônimo semelhante ao seu nome verdadeiro, “Pascual Chiago”, já que precisava enviar o texto a partir do seu e-mail institucional da universidade. Em novembro, uma mensagem da revista deu a “boa-nova”: o falso estudo havia sido aceito com pequenas modificações, pois era “bem escrito e interessante”. Posteriormente, recebeu uma fatura de US\$ 2.949 referente às taxas de publicação. Diago não pagou, mas enviou um recibo falso, gerado por inteligência artificial, feito por meio do “Banco da Trapaça da Espanha”. Ninguém percebeu a brincadeira e, alguns dias depois, o artigo apareceu publicado no site da revista.

CONTEÚDO EXTRA

Conhece a nossa newsletter de integridade científica?



Acesse o QR Code para assinar nossas newsletters

